

A designação gaúcho no dicionário: diferentes funcionamentos dentro e fora da sala de aula

Daiane Siveris¹ (FIPE -UFSM²)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar resultados parciais advindos do Projeto de Pesquisa "Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/do Brasil" (FIPE-IC/UFSM). Apresentaremos as primeiras reflexões a respeito das diferentes maneiras como aparece o verbete gaúcho em dicionários nacionais e regionalistas e os diversos sentidos que produz. Sabe-se que a representação do sujeito gaúcho foi evoluindo, tendo sido designado, inicialmente, como guasca, peão e, mais tarde, como monarca das coxilhas e gaúcho. Isso acabou se institucionalizando como verbete de dicionário, as suas primeiras aparições revelavam textos, ao longo dos quais era dada a definição. Hoje, encontramos verbetes definidos por apenas um sinônimo, e é assim que essa designação é tratada em sala de aula, onde se apagam os sentidos constitutivos de sua história. Para a análise dos verbetes, adotaremos os princípios metodológicos propostos por Horta Nunes (2006), em seu estudo sobre os dicionários no Brasil. Em consonância com essa linha de análise, mobilizaremos noções próprias à Análise de Discurso, tal como a pensou Michel Pêcheux e tal como vem sendo desenvolvida no Brasil.

O presente trabalho constitui-se a partir de resultados parciais obtidos no desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado *Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/do Brasil* que investiga a constituição/instituição de sentidos capazes de revelar o imaginário sobre o sujeito, a língua e a história, a partir de dicionários de Língua Portuguesa e de Regionalismos Gaúchos do século XIX.

Em primeira instância traremos algumas considerações teóricas a respeito do dicionário, baseadas nos princípios teórico-metodológicos da Análise de Discurso de Linha Francesa em suas relações com a área de estudo da História das Idéias Lingüísticas. Na seqüência falaremos do lugar da designação gaúcho nos dicionários regionalistas, trazendo a relação identitária do gaúcho com a língua regional.

¹ Aluna de graduação em Letras na UFSM.

² O trabalho de pesquisa é orientado pela professora Dra. Verli Petri.

Neste trabalho, abordamos o dicionário como uma materialidade discursiva, no qual observamos as formas de nomear e de designar as coisas do nosso mundo, os possíveis funcionamentos desse ou daquele sentido. Segundo Aurox (1992, p.65), o dicionário como instrumento lingüístico é o “processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares do nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário”.

O dicionário é resultado de um processo de seleção, recorte, reformulação e retomada de questões sobre o já-dito, é a recuperação de uma memória discursiva e, no caso de dicionários regionalistas, é também instrumentalização dos leitores de uma literatura pouco conhecida: a gauchesca, que é dotada de peculiaridades linguageiras. Segundo Orlandi (2002), ele (o dicionário) representa a completude remetendo a um verbete que, por sua vez, remete a outros, e estabelece, assim, um “circuito fechado”.

Coruja (1852), um dos primeiros autores de dicionário regionalista gaúcho, define o vocábulo gaúcho como “índio do campo sem domicílio certo”. Sendo assim podemos afirmar que ele estabelece uma imagem do sujeito do campo e sua relação com a natureza. (HORTA NUNES, 2006). Já Moraes (1935) faz referência ao progresso técnico, momento em que o gaúcho “vai despertando para a civilização, enquanto o comércio leva-lhe conforto e bem-estar”. Podemos perceber por meio dessas duas concepções de gaúcho, que as designações sofrem alterações de sentido, são afetadas pelo momento histórico, pelas condições de produção e pelo funcionamento ideológico. A língua não está pronta, dada, completa, porque figura no dicionário, ela se movimenta também neste espaço.

Para relacionar o dicionário com o dentro e o fora da sala de aula de língua portuguesa precisamos pensar que existe um sujeito falante da língua que a conhece desde sempre. Inclusive podemos afirmar que antes de o sujeito estar inserido no ambiente

escolar, ele já conhece a língua, é um conhecimento pré-existente e que faz dele um sujeito do discurso que produz. A escola, por sua vez, busca organizar este saber, através do uso do dicionário, o qual é considerado lugar da certeza e interdito da dúvida. Quanto ao sujeito que produz o dicionário podemos dizer que além de ser um falante da língua, ele é um sujeito que estuda e constrói os saberes sobre a língua, buscando dar a ela o efeito de completude.

Aspecto bastante destacado é a necessidade que o sujeito que produz um dicionário regionalista tem de conhecer a historicidade do Rio Grande do Sul, para que possa emitir alguma informação a respeito. Isso não implica, necessariamente, que o sujeito enunciator seja integrante da Academia Brasileira de Letras ou que tenha formação universitária na área da lexicografia (como grande parte dos dicionaristas), mas é fundamental a relação do sujeito com o saber lingüístico e cultural, os usos e costumes do povo gaúcho. Temos, então, no dicionário a explicitação de um trabalho de fundação do espaço e manutenção de aspectos da língua/cultura regional.

A partir disso, considerando o espaço escolar, podemos levantar questões que sempre estarão presentes, independente do contexto em que nos situamos. Quando consultamos um dicionário, vamos em busca de um sinônimo, de uma definição. No entanto, esquecemos de nos questionar o que significa ou o que representa aquele sinônimo, aquela definição naquele determinado contexto. Será que toda vez que vamos ao dicionário encontramos o que procurávamos? Será que esperamos alguma coisa dele? Será 'que em outro contexto, o sinônimo encontrado terá o mesmo sentido? Será que é possível confiar no dicionário a ponto de determinar que ele seja o lugar da verdade, da certeza, do interdito da dúvida? Estas questões nos levam a refletir sobre o papel do dicionário em nossa vida

seja ela escolar ou não, considerando que, que encontramos palavras cujos sentidos podem ser reproduzidos, transformados e, até mesmo, apagados através do tempo.

Bibliografia

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, São Paulo: editora da UNICAMP.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. São Paulo: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.

PETRI, Verli. *Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/do Brasil*. Projeto de pesquisa, FIPE/UFSM 2007-2008.

SPALDING, Walter. *Vocabulário sul-rio-grandense*. 1964.